

ENTREVISTA RELÂMPAGO DE ANTUNES FILHO A UM JOVEM APRENDIZ



Carlos Alberto Ferreira¹

[Entrevista com Antunes Filho, para colher dados para a dissertação de mestrado “Grupo Teatral Ponto de Partida: Encenação e Produção”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas/PPGAC-UFBA. Foi realizada em 29 de outubro de 2012, em São Paulo, no espaço SESC Consolação. Conservamos, na transcrição da entrevista, a tonalidade coloquial dessa conversa instrutiva].

Carlos Alberto Ferreira: Antunes, o que é ser diretor teatral para você?

Antunes Filho: Primeiro você começa querendo se afirmar como ser humano, tem uma posição, tem um local onde você possa estar, você ser socialmente. Então, aí é como qualquer outra profissão. Exatamente como qualquer outra profissão. Eu acho que o diretor de teatro, ele se faz como qualquer ator ou qualquer cenógrafo: se faz vendo teatro, vendo circo... e, hoje em dia, vendo televisão. O que é péssimo, o que é péssimo exemplo, a televisão. Então, por aí, você começa a ver que tem

alguma coisa por dentro que fala: “vamos criar um universo também assim”; e esse universo é criado – talvez nós possamos criar alguma galáxia, uma estrela do já, do preexistente. Aí você começa a se locomover com os pauzinhos, dentro de você, e vê o que acontece: as visões que você vai tendo, o que os anjos te falam ou as ninfas, então, você vai em frente. Eu acho que é como qualquer profissão. Só que deve ter alguma coisa mais estranha. Algo estranho, em poder ser diretor de teatro, que é uma confissão... que fica mais exposto. É uma das profissões, como a do poeta, em que se fica mais exposto. O seu interior fica mais exposto. As pessoas em outras profissões podem se conservar, podem se fechar, se preservar, trancar e deixar a chave em casa, deixar a tua chave num outro cofre, e o diretor de teatro, como o poeta, ele está exposto. Então, ele está mais sujeito a chuva de tempestade; mais do que em outras profissões mais liberais, mais tranquilas de trânsito social.

Carlos Alberto Ferreira: Esse trabalho solitário, esse trabalho de diretor, como é que surge esse pauzinho? Essa ideia, quando se quer montar? Surtem de onde esses desejos?

Antunes Filho: É um mistério! É um mistério! Isso acontece ou não acontece. Mesmo quando você quer fazer uma obra, acontece ou não acontece ter inspiração. O diretor de teatro tem uma van-

¹ Doutorando em Artes Cênicas, no PPGAC, Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia-UFBA. Mestre em Artes Cênicas pela UFBA (2012-2014) e graduado em Artes Cênicas, Licenciatura e Bacharelado (Direção Teatral e Interpretação), pela Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP (2006-2011). Encenador, produtor e professor. e-mail: carlosferreira1202@gmail.com.



tagem, ele tem a inspiração e depois ele procura a obra. Não é a obra que dá a inspiração, é ele, é a necessidade vital dele, social dele, é que determina a sua inspiração. Se você tiver um sentido humanista é uma coisa, se você tiver um sentido humanitário é outra coisa. Numa, você patina o conhecimento, no outro você patina... você transita na ajuda humana, mais na ajuda concreta, real, digital, humana; e na outra, é mais uma proteção cultural, fundamental.. É fundamental também, mas são dois aspectos diferentes, um ... humanismo, o outro... humanitarismo. E você pode gostar da cultura, amar a cultura, mas não se escravizar à cultura, não fazer da cultura uma alienação, isso que eu quero dizer: transformar a cultura em uma alienação. Hoje em dia, com tanto *pós* isso, *pós* aquilo, *pós* acolá, você pode se alienar e ficar discutindo teorias e mais teorias, viver em bibliotecas. E eu gosto de viver labor. É lógico que você tem que saber o que acontece nas bibliotecas, o que se está lendo nas bibliotecas, mas você não pode, em nome de alguns ismos, perder a poesia e perder a humanidade, ou seja, a humanidade poética.

Carlos Alberto Ferreira: E você acha que um diretor pode aprender então em uma faculdade? Ser diretor?

Antunes Filho: Em parte sim, em parte é necessário. Vamos fazer *fifty fifty*. Mas, pelo menos, eu vejo agora a crítica como um apedrejamento que fez ao modernismo e à hegemonia de coisas tirânicas. Aí você começa a bombardear tudo... E os próprios críticos, hoje em dia, não sei se eles têm tanta coragem de dizer o que eles realmente acham das coisas, devido estarem sendo solapados permanentemente. Então, é muito difícil ser crítico, porque falar a verdade, verdade, verdade, não sei se vai conseguir. Mas dizer a verdade, a verdade... pode ser taxado de tirano. Então, você vê em Artes Plásticas os críticos, todos eles se renderam aos artistas e aos *marchands*. Não sei se acontece isso também em teatro, em se render aos *marchands*, ao industrial, ao comercial. Então, acho que está todo mundo muito solitário. Talvez você não possa dizer toda verdade que você acha sobre o espetáculo. Talvez só o que você sabe como crítico. Será que a sua cultura não é só biblioteca? “Você tem cultura de tablado? Você tem cultura de tablado? Você conhece técnica de ator? Você conhece técnica de

ator? Eu pergunto!” Não, mas eu conheço esse livro, aqueles outros livros... Escapam por aí. Eu não sei se eles têm muito a dizer. O que eu acho, é que, é a paixão teatral, uma obra, uma dramaturgia, ela se realiza não na estante, ela se realiza no palco! Então, as pessoas acham que a dramaturgia se realiza na estante. Não, é no palco. É no palco. Será que para ser hoje um bom crítico teria que fazer uns dez anos de palco antes? Saber o que é o ator, saber o que é o diretor, saber essa relação. Não sei se no Brasil, conforme as coisas estão andando, se não está dando muito desperdício, ou seja, muito talento sendo perdido, porque o crítico elogia, ora por conta da solidão, para não ficar só... E tem que ter alguns amigos, tem que ser solidário... Então é mais amigo do que crítico e, ao mesmo tempo, critica os outros, demasiado, que não é amigo... Mas você que ganha prêmios, você é premiado, você não sabe se está levando uma bomba para casa. É bom, é bom ser elogiado, todos nós queremos elogio, todos nós queremos o aplauso, mas que isso não esmoreça aquilo que você poderá dar de frutos. Em nome da vaidade, acho que muitos talentos estão se perdendo. Em nome do elogio fácil, muito talento está se perdendo. Porque para ser um bom artista, principalmente, o ator tem que ter muita técnica e hoje em dia isso não é muito considerado, a técnica!

Em alguns dados às vezes, ah legal o primeiro impulso – parece impulso de criança. “Ah eu gosto”, “não gosto”. Não é assim, “eu gosto, eu não gosto”. Como se fosse uma mesa de aniversário: “eu gosto de brigadeiro, eu gosto de coco!” Não é isso. Então, eu acho que esse próprio ator que é elogiado, ele está sendo envenenado. O artista que está sendo elogiado, está sendo envenenado, quando podia prestar mais atenção, por sua vida, na profundidade da sua vida. Sua vida é profunda e tem coisas por dentro maravilhosas. Mas talvez eles sejam trancadas, as coisas maravilhosas sejam trancadas, barradas pelo elogio, por um “premiozinho” que você ganha e você termina sua vida por este “premiozinho”. Você vai repetir essa personagem que você fez hoje: aí você põe uns óculos, põe uma barbinha e tira a barbinha, põe uma cabeleira, e é isso só, e a mudança de maquiagem só... Aquele cara continua o mesmo, não se modificou. Eu acho que, cada obra que um ator faz, e um diretor, é uma forma de autoconhecimento, de autodesen-

volvimento. Então, eu acho isso, e isso está sendo barrado, de certa maneira, deixado de lado, porque o crítico está inseguro também. Será que ele sabe? Primeiro, será que ele sabe de tablado? Ou ele só sabe da sala de leitura? Será que, se ele tem alguma verdade, ele poderá continuar dizendo? Será que ele não vai ser um tirano de hoje em dia? “Esse é o crítico tirano”. Como é que ele se acha? Nós não podemos ficar sozinhos, solitários... Ele tem que ter amigos. E aquele cara simpático, o ator mais ou menos bom, ele elogia, dá os prêmios, dá com isso, e está matando o cara. Para se salvar, ele mata o artista, para ele se salvar da sua solidão, ele mata o artista. Dá para entender?

Carlos Alberto Ferreira: Você acha que a função do diretor é uma função nova, pensando que basicamente nasce no final do século XIX. E esse desenvolvimento dessa figura hoje: existe diferença entre um “diretor de um grupo” e o “diretor de um coletivo” – existem essas formas de agrupamento?

Antunes Filho: Eu, como trabalhei sempre de maneira coletiva (mas dizem que é autoral; mas foi sempre coletiva). O *Macunaima* foi feito com os atores, eles fizeram os exercícios. O ato teatral é sempre, quando o diretor é bom, é sempre coletivo. Quando ele é mau, ele sempre se impõe. Ele não precisa impor, o trabalho se impõe, o conhecimento se impõe. Se eu tenho três pessoas que não têm a voz legal, não têm técnica corporal nenhuma, eu sou obrigado a ensinar, eu ensinando a pessoa a falar, ensinando a andar, ensinando a se mover, o que é isso? É tirania? O professor é um tirano porque ele te obriga a aprender coisas? Me explica o que é um professor, um tirano? Matar o professor, “rarará”, matemos o professor porque ele é tirano. É uma loucura. Eu dou o que tenho que dar, o que ele não sabe, e que eu sei. E eles dão aquilo que eles podem dar. Juntos, fazemos aquilo, é uma troca. Então, se confunde, porque a maioria dos diretores não sabe nada de técnica, então, fazer um coletivo é muito mais fácil, esconde a deficiência dele, “vamos fazer um coletivo, uma criação coletiva”, que esconde a minha deficiência. Eu sou obrigado a arregañar a manga, ensinar a andar, a falar, a saber tudo isso, sou um tirano, porque eu estou ensinando. “Ô professor tirano! Ô...” É uma loucura, muita loucura. Então, é isso que fica na teoria e esquece a prática, é isso que estou dizendo,

“fica na teoria, na teoria, discute tirano, não tirano”, fica na teoria... Pós-moderno, pós-dramático, no Pós sei-lá-o-quê. Sabe, é tudo uma bobagem, tudo uma bobagem. Sabe, as coisas, elas se colocam e se impõem por si, as necessidades se impõem por si, se você está com fome, você vai comer, está com sede você vai beber. Não vai beber água agora porque é tirania. Você deve comer agora, depois de três horas, você tem que comer, é tirania isso? Ora é *piração*. Confunde, porque o teatro não acabou, não tem o que discutir, só estão criando o caos, só caos. É enorme, hoje. Abaixo a tirania, abaixo tudo isso. Então, vai de tudo, eu vou, virou uma ordem, viramos uma ordem.

Carlos Alberto Ferreira: E você acha, partindo desse pensamento pós-moderno, como você mesmo colocou acaba que...

Antunes Filho: Deve existir o diretor mais tirano. Tem um que é um pamonha. Cada um é um. Vai discutir isso? Discutir o sexo dos anjos? É masculino, é feminino esse anjo? Ah, vai criar! Saco! Faça a obra! Vamos ver o que acontece com a obra! Faça a obra, pelo amor de Deus! Não sei de que jeito você vai fazer, mas faça a obra! Mas, em vez de discutir como fazer a obra, fica discutindo se é isso, se é aquilo, não faça mais isso. O que é bom se impõe por si, pode ser pós-dramático, pode ser pós-moderno, pode ser naturalista, não naturalista, pode ser o que você quiser. Ponto, faz, mostra! É isso, é tão simples. É o tablado que resolve, é o tablado que resolve. Tem que fazer. Então, é porque não tem talento. Se tivesse talento, ia para o palco fazer. Vai para o palco fazer, se tem talento!

Carlos Alberto Ferreira: Então, acaba que o diretor tem várias funções?

Antunes Filho: Tem! Claro, o diretor no Brasil tem uma função fundamental: pedagogia. Ele vai fazer uma peça, demora um ano – não para fazer a peça: para ensinar durante dez meses a andar, a se virar, a falar, a tudo isso; depois, nos últimos dois meses, ele se dedica à obra. É lógico que durante esses dez meses se pode falar teoricamente sobre a obra, vai-se discutindo... Mas, na verdade, esses dez meses é para o cara aprender a andar, a falar, se virar, a olhar, a *respirar*. Ninguém dos atores, 90% dos atores brasileiros não sabem respirar. Respirar. Ensinar a respirar. Respirar é um ato vital, fundamental para a vida.



Carlos Alberto Ferreira: Antunes, você já contemplou muitas das questões. Porque quando eu pensei a questão da produção teatral, nessa questão macro mesmo, eu vejo que o diretor, realmente, ele não consegue ficar num único lugar mesmo, ele se coloca. E uma das perguntas era sobre o seu papel, colocada, era assim: O seu papel assemelha-se ao de um educador? É um professor que está basicamente dentro de um tablado?

Antunes Filho: Ele tem que ser. Para você ser criador no Brasil, antes você tem que aprender pedagogia e ver as necessidades. Eu fiquei a vida inteira estudando o ator. A vida inteira me dediquei ao ator. Hoje em dia, eu consigo ver um ator andando de costas, eu digo se ele está certo ou se está errado. De costas, andando para o fundo, eu digo tudo a respeito dele. Já me dediquei à exata. Eu queria fazer esse aparato egoísta que você queria fazer, há meia hora, mas eu, por quê? O ator me interessa, eu gosto do ator, sempre gostei! Quando eu era moleque, eu via os filmes, os grandes filmes, eu gostava daqueles atores e daquelas atrizes, a maneira com que eles cruzam e tal... Um universo passava através dos olhares daqueles atores, daqueles sorrisos, daquele susto, “que faziam assim” [sussurrando]. Coisas me aconteciam na cabeça, eu viajava nesses atores... Por isso, eu me dediquei ao universo interno do ator. É isso que eu provoço sempre: o universo interno do ator. Venha, venha com as suas constelações, mostre-nos! O ator tem

que mostrar as suas constelações. Agora, tem que ter um preparo espiritual e físico para isso. Quando eu digo físico, eu estou dizendo espiritual. Quando você respira, quando faz exercício físico, eu estou discutindo a tua fisiologia, ela tem que estar fluente a você, a qualquer coisa, ela não pode estar travada. Como conseguir isso? Trabalho, trabalho, mais trabalho. É isso!

Carlos Alberto Ferreira: Você tem algum mestre? Mestres, diretores que você...

Antunes Filho: É, eu tive todos aqueles estrangeiros que estiveram aqui no Brasil. Mas não foi por eles. Embora eu deva muito a eles – Ziembinski, Bollini, Solti, Ricelli, todos esses. Mas certas coisas... Hoje em dia, você fala assim: Stanislavski é o Stanislavski. Stanislavski foi um, ele era um positivista, e hoje em dia acabou tudo, tchau positivismo! Mas tem alguns caras positivistas por aí que eu vejo. Então, eu vejo por outra maneira o ator – uma coisa pós-Stanislavski. A gente, até eu brinco, eu falo: “eu não faço Stanislavski, eu brinco de Stanislavski”. É diferente! Eu não faço, eu não estou sujeito a Stanislavski, eu brinco, eu uso as coisas de Stanislavski. Nós aqui no CPT brincamos de Stanislavski também, se você quiser, nós brincamos de Brecht, a gente brinca do que você quiser, nós brincamos de pós-moderno. Nós podemos brincar de pós-dramático? Nós podemos brincar de pós-dramático. Mais eu, cada um é um. Cada um é um.

Carlos Alberto Ferreira: Muito obrigado.